

a morte do reis

bernard cornwell

Tradução de Neuza Faustino



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

A MORTE DOS REIS
*é dedicado a Anne LeClaire,
romancista e amiga,
que me concedeu a primeira frase.*



TOPONÍMIA

A pronúncia dos nomes dos lugares na Inglaterra anglo-saxónica é incerta, sem que exista consistência ou acordo sequer acerca dos próprios nomes. Por isso, Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwinc, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida que alguns leitores preferem outras versões dos nomes listados abaixo, mas, normalmente, recorri à grafia utilizada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos do reinado de Alfredo (871-899 d.C.), ainda que nem essa solução seja a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente chamada Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente; uso Inglaterra em vez de Engaland, mas preferi a forma moderna de Nortúmbria a Nordhymbraland, de modo a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidem com as do moderno condado. Assim, esta lista, tal como a própria grafia, é caprichosa.

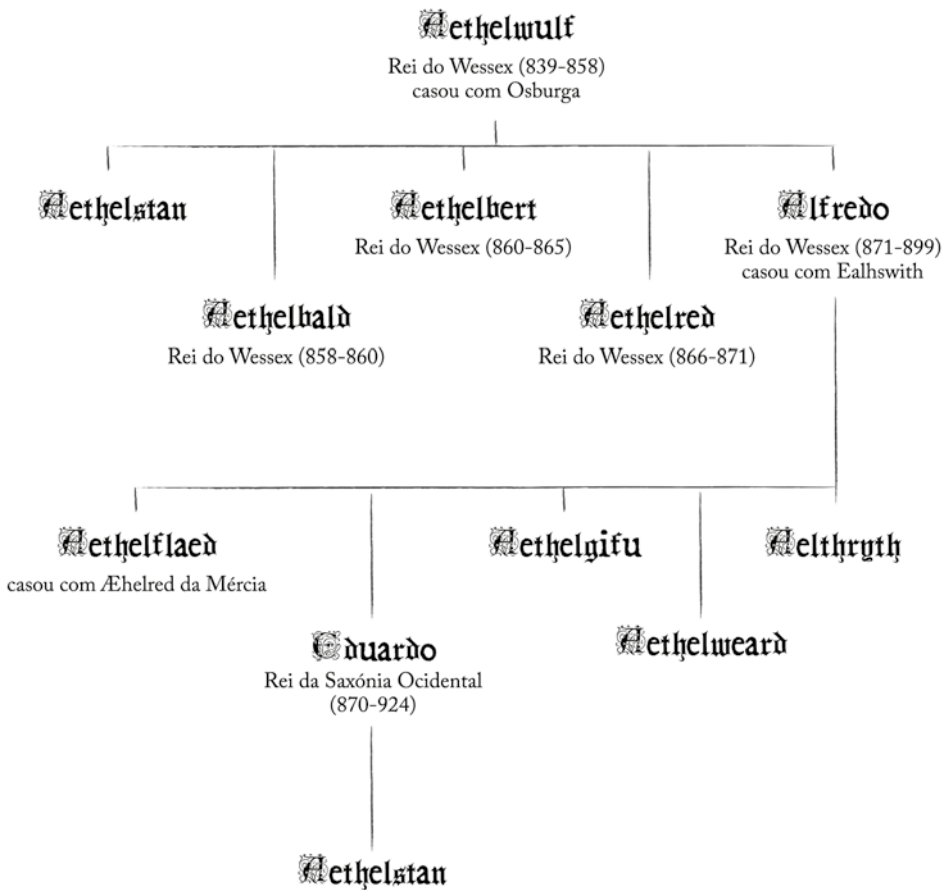
| | |
|---------------|---|
| Baddan Byrig | Badbury Rings, Dorset |
| Beamfleet | Benfleet, Essex |
| Bebbanburg | Castelo de Banburgh, Nortúmbria |
| Bedanford | Bedford, Bedfordshire |
| Blaneford | Blandford Forum, Dorset |
| Buccingahamm | Buckingham, Bucks |
| Buchestanes | Buxton, Derbyshire |
| Ceaster | Chester, Cheshire |
| Cent | Condado de Kent |
| Cippanhamm | Chippenham, Wiltshire |
| Cirrenceastre | Cirencester, Gloucestershire |
| Contwaraburg | Canterbury, Kent |
| Cyninges Tun | Kingston, junto ao Tamisa, na grande Londres |
| Cracgelad | Cricklade, Wiltshire |
| Cumbraland | Cumberland |
| Cytringan | Kettering, Northants |
| Dumnoc | Dunwich, Suffolk |

| | |
|---------------|---|
| Dunholm | Durham, County Durham |
| Eanulfsbirig | St Neot, Cambridgeshire |
| Eleg | Ely, Cambridgeshire |
| Eoferwic | York, Yorkshire (chamado Jorvik pelos dinamarqueses) |
| Exanceaster | Exeter, Devon |
| Fagranforda | Fairford, Gloucestershire |
| Fearnhamme | Farnham, Surrey |
| Fifhidan | Fyfield, Wiltshire |
| Fughelness | Foulness Island, Essex |
| Gegnesburh | Gainsborough, Lincolnshire |
| Gleawecestre | Gloucester, Gloucestershire |
| Grantaceaster | Cambridge, Cambridgeshire |
| Hothlege, rio | Hadleigh Ray, Essex |
| Hrofeceastre | Rochester, Kent |
| Humbre, rio | Rio Humber |
| Huntandon | Huntingdon, Cambridgeshire |
| Liccelfeld | Lichfield, Staffordshire |
| Lindisfarena | Lindisfarne (Holy Island / Ilha Sagrada), Nortúmbria |
| Lundene | London / Londres |
| Medwæg, rio | Rio Medway, Kent |
| Natangrafum | Notgrove, Gloucestershire |
| Oxnaforda | Oxford, Oxfordshire |
| Ratumacos | Rouen, Normandia, França |
| Rochecestre | Wroxeter, Shropshire |
| Sæfern | Rio Severn |
| Sarisberie | Salisbury, Wiltshire |
| Scaftesburi | Shaftesbury, Dorset |
| Sceobyrig | Shoebury, Essex |
| Scrobbesburh | Shrewsbury, Shropshire |
| Snotengaham | Nottingham, Nottinghamshire |
| Sumorsæte | Somerset |
| Temes, rio | Rio / Tamisa |
| Thornsæta | Dorset |
| Tofeceaster | Towcester, Northamptonshire |
| Trente, rio | Rio Trent |
| Turcandene | Turkdean, Gloucestershire |
| Twoxnam | Christchurch, Dorset |

Westune
Wiltunscir
Wimburnan
Wintanceaster
Wygraceaster

Whitchurch, Shropshire
Wiltshire
Wimborne, Dorset
Winchester, Hampshire
Worcester, Worcestershire

A Família Real do Wessex





PRIMEIRA PARTE
A FEITICEIRA

— Todos os dias são vulgares, — disse o padre Willibald, — até deixarem de o ser. — Sorriu, satisfeito, como se acabasse de dizer algo que eu considerasse significativo, depois ficou com um ar desapontado, quando nada respondi. — Todos os dias — recomeçou.

— Eu ouvi o teu devaneio — rosnei.

— Até deixarem de o ser — terminou num fio de voz. Eu gostava de Willibald, mesmo sendo ele um padre. Tinha sido um dos meus tutores na infância e agora contava com ele como amigo. Era gentil, honesto e, se os mansos viessem um dia a herdar a Terra, Willibald ficaria incalculavelmente rico.

E todos os dias são vulgares, até que algo muda, e aquela manhã fria de domingo parecera tão vulgar como qualquer outra, até que aqueles tolos tentaram matar-me. Fazia muito frio. Chovera toda a semana, mas naquela manhã as poças tinham congelado e um manto de geadas brancas cobria a relva. O padre Willibald chegara logo depois de o sol nascer e viera dar comigo no prado.

— Ontem à noite não conseguimos encontrar as suas terras, — disse, justificando a sua chegada àquela hora matinal, tremendo de frio, — portanto, pernoitámos no mosteiro de São Rumwold. — Fez um gesto vago para sul. — Estava muito frio — acrescentou.

— Aqueles monges são uns sacanas, — respondi. Era suposto eu entregar semanalmente uma carga de lenha em São Rumwold, dever que fazia por ignorar. Os monges que cortassem a sua própria madeira. — Quem era Rumwold? — perguntei. Sabia a resposta, mas apetecia-me provocar Willibald.

— Era uma criança muito piedosa, senhor — disse-me.

— Uma criança?

— Um bebé — disse, suspirando, a adivinhar o rumo da conversa. — Tinha apenas três dias quando morreu.

— Pode um bebé de três dias ser um santo?

Willibald juntou as mãos.

— Os milagres acontecem, senhor — disse. — Acontecem mesmo. Diz-se que o pequeno Rumwold cantava as graças a Deus, de cada vez que mamava.

— Sinto mais ou menos o mesmo, sempre que aperto um seio — affiancei-lhe. — Isso faz de mim um santo?

Willibald estremeceu, depois, com tato, mudou de assunto.

— Trouxe-vos uma mensagem do príncipe herdeiro — disse, referindo-se a Eduardo, o filho mais velho do rei Alfredo.

— Então, diz.

— Ele agora é o rei do Cent — proferiu Willibald, satisfeito.

— E enviou-te até aqui apenas para me dizeres isso?

— Não, não. Pensei que talvez não soubesse.

— Claro que sei — afirmei. Alfredo, rei do Wessex, nomeara o seu filho mais velho rei do Cent, o que significava que Eduardo podia praticar ser rei sem fazer grandes estragos, uma vez que o Cent, afinal, era uma parte do Wessex. — Ele já conseguiu arruinar o Cent, por esta altura?

— Claro que não, — disse Willibald, — apesar de... — interrompeu-se abruptamente.

— Apesar de o quê?

— Oh, não é nada — disse, de forma distraída, fingindo um repentino interesse pelas ovelhas. — Tem quantas ovelhas pretas? — indagou.

— Posso agarrar-te pelos tornozelos e sacudir-te, até que a notícia caia — sugeri.

— É que o Eduardo, bem, — hesitou, depois decidiu ser melhor contar-me, caso eu pretendesse mesmo sacudi-lo pelos tornozelos, — é que ele queria casar com uma rapariga do Cent, porém o pai não concordou. Mas isso não tem qualquer importância!

Ri-me. Afinal, o jovem Eduardo não era o herdeiro perfeito.

— Quer dizer que o Eduardo está a portar-se mal...

— Não, não. Trata-se apenas de um capricho da juventude, que, aliás, já passou à história. O pai dele já lhe perdoou.

Não fiz mais perguntas, apesar de dever ter prestado mais atenção àquele pequeno mexerico.

— Qual é, então, a mensagem do jovem Eduardo? — indaguei. Encontrávamo-nos na parte inferior do prado, nas minhas terras de Bucingahamm, que se situava no Leste da Mércia. Na verdade, as terras pertenciam a Æthelflæd, mas ela entregara-mas, em troca de uma renda, paga em géneros alimentícios e a propriedade era suficientemente grande para sustentar os trinta guerreiros da minha casa, a maioria dos quais se encontrava na missa, naquela manhã. — Por que razão não estás na igreja? — questionei Willibald, que ainda não me respondera à primeira pergunta. — Hoje é um dia festivo, não é?

— É dia de Santo Alnoth — disse-me, como se se tratasse de um presente especial. — Mas eu precisava de falar consigo! — Parecia entusiasmado. — Trago-lhe a mensagem do rei Eduardo. Todos os dias são vulgares...

— Até deixarem de o ser — finalizei bruscamente.

— Sim, senhor, — titubeou, depois franziu a testa intrigado, — mas o que está a fazer?

— Estou a olhar para as ovelhas — respondi, e era verdade. Estava a olhar para duzentas ou mais ovelhas, que também me olhavam enquanto baliavam pateticamente.

Willibald voltou-se para mirar de novo o rebanho.

— Belos animais — disse, como se soubesse do que falava.

— Apenas carne e lã — disse-lhe, — e sou eu que escolho quais as que vão viver e quais as que vão morrer. — Era a altura do ano da matança, os dias cinzentos em que os nossos animais eram mortos. Mantemos alguns vivos para procriarem na primavera, mas a maioria terá de morrer, porque não há alimento suficiente para manter rebanhos e manadas inteiros durante o inverno. — Olha bem para as costas delas, — disse a Willibald, — porque a geada derrete mais depressa no pelo dos animais mais saudáveis. Por isso, essas são as que mantemos vivas. — Levantei-lhe o gorro de lã e desgrenhei-lhe o cabelo, que se tornava grisalho, com a minha mão. — Não há geada em ti, — affiancei-lhe, em tom de brincadeira, — senão teria de te golpear a garganta. — Apontei para uma ovelha com um corno partido: — Mantém aquela!

— É para já, meu amo — respondeu o pastor. Era um homem esguálido e pequeno, com uma barba que lhe cobria metade do rosto. Rosnou aos seus dois cães que ficassem quietos, depois abriu caminho entre o rebanho e puxou a ovelha pretendida, com a ajuda do seu cajado, até à extremidade do campo. De seguida conduziu-a para junto de um rebanho mais reduzido, que se encontrava no outro extremo do prado. Uma das suas cadelas, um animal andrajoso e cheio de cicatrizes, abocanhava as patas traseiras da ovelha, até que o pastor a mandou parar. Ele não precisava da minha ajuda para seleccionar as ovelhas que deviam viver e as que haviam de morrer, pois desde criança que escolhia os seus rebanhos. Porém, um senhor que ordena a matança dos seus animais deve-lhes o respeito mínimo de passar algum tempo com eles.

— O dia do julgamento — disse Willibald, puxando o gorro sobre as orelhas.

— Quantos são? — perguntei ao pastor.

— Um quarto de uma centena, meu amo — respondeu.

— E isso chega?

— Chega, meu amo.

— Então, mata as restantes.

— Um quarto de uma centena? — indagou Willibald, ainda a tremer de frio.

— Vinte e cinco — confirmei. — Uma, duas dezenas, meia centena, um quarto de centena. É assim que os pastores contam aqui, não me pergunte porquê. O mundo está repleto de mistérios. Já me disseram que algumas pessoas até acreditam que um bebé de três dias é um santo.

— Não se deve fazer troça de Deus, senhor — disse o padre Willibald, ensaiando um tom severo.

— Ele está comigo — respondi. — Então, o que pretende o jovem Eduardo?

— Oh, é algo de muito empolgante — começou por dizer com entusiasmo, depois calou-se ao ver que eu erguera uma mão.

As duas cadelas do pastor rosnavam. Ambas se haviam agachado no chão, de frente para um bosque a sul. Começara a chover e a nevar ao mesmo tempo. Olhei fixamente para as árvores, mas não consegui ver nada de ameaçador entre os ramos escuros do inverno ou entre os arbustos de azevinho. — Lobos? — perguntei ao pastor.

— Não vejo um lobo desde o ano em que caiu a ponte velha, meu amo — respondeu.

Eriçavam-se os pelos nos cachacos das cadelas. O pastor sossegou-as com um estalido na língua, depois soltou um assobio curto e agudo, e uma delas lançou-se a correr em direção ao bosque. A outra gania, para que a soltassem, mas o pastor emitiu um som grave e ela voltou a aquietar-se.

A cadela que corraera descrevera uma curva na direção das árvores. Tratava-se de uma fêmea que sabia o que estava a fazer. Saltou por cima de uma vala coberta de gelo e desapareceu no meio dos azevinhos. Parou por uns instantes, de frente para as árvores, depois começou novamente a correr, no preciso momento em que uma flecha saía disparada das sombras do bosque. O pastor soltou um assobio estridente, e a cadela voltou a correr para junto de nós, a flecha a cair, inofensiva, atrás dela.

— Foras da lei — disse eu.

— Ou homens à caça de veados — retorquiu o pastor.

— Dos meus veados — sublinhei. Continuei a olhar para o lado das árvores. Por que razão caçadores ilegais haveriam de disparar uma flecha contra um cão pastor? Teriam feito melhor em fugir. Seriam caçadores realmente estúpidos?

A chuva, misturada com a neve, caía agora com mais força, soprada por um vento frio de leste. Eu trazia uma capa grossa em pele, botas de cano alto e um chapéu em pele de raposa. Eu não sentia frio, mas Willibald, no seu hábito sacerdotal preto, tremia apesar da capa e do gorro em lã.

— Vou levar-te de volta para o salão — disse-lhe. — Um homem da tua idade não deveria estar cá fora, no inverno.

— Não esperava que chovesse — disse Willibald. A avaliar pelo tom, sentia-se miserável.

— Ao meio-dia já estará a nevar a sério — disse o pastor.

— Tens uma cabana aqui perto? — perguntei-lhe.

Apontou para norte.

— Ali, do outro lado do bosque.

— E tem uma lareira acesa?

— Sim, meu amo.

— Leva-nos até lá — disse-lhe. Deixaria Willibald junto à fogueira, enquanto ia buscar uma capa quente para ele e um cavalo dócil que o transportasse de volta para o salão.

Caminhámos para norte e as cadelas recomeçaram a rosnar. Voltei-me para sul e, de repente, havia uma linha irregular de homens na extremidade do bosque. Olhavam-nos fixamente.

— Conhece-los? — perguntei ao pastor.

— Não são daqui, meu amo, e conto uma dezena e três, — disse, referindo-se a treze homens, — o que dá azar, meu amo. — Benzeu-se.

— Mas... — começou o padre Willibald.

— Não digas nada! — avisei. As cadelas do pastor rosnavam novamente. — *Foras da lei*, pensei, continuando a observá-los.

— O Santo Alnoth foi morto por foras da lei — disse Willibald num tom preocupado.

— Portanto, nem tudo o que fazem é mau — acrescentei. — Mas estes aqui são idiotas.

— Idiotas?

— Se pretendem atacar-nos — disse-lhe. — Serão perseguidos como animais de caça e dilacerados.

— Se não nos matarem antes — acrescentou Willibald.

— Vamos embora! — Empurrei-o na direção das árvores a norte e, ao segui-lo, levei a mão à bainha da espada. Não trazia comigo Bafo de Serpente, a minha grande espada de guerra, mas uma menor, de lâmina mais leve, que retirara de um dinamarquês que matara naquele ano, em Beamfleot. Era uma boa espada, mas desejei ter ali Bafo de Serpente ao redor da cintura. Olhei de relance para trás. Os treze homens atravessavam a vala para nos seguirem. Dois deles traziam arcos; os restantes pareciam munidos de machados, facas e lanças. Willibald não conseguia andar mais depressa e já estava ofegante.

— O que foi? — arfou.

— Bandidos? — sugeri. — Vadios? Não sei. Corre! — Empurrei-o para o interior das árvores, depois desembainhei a espada e voltei-me para enfrentar os meus perseguidores. Um deles retirou uma flecha do saco em volta da cintura. Isto persuadiu-me a seguir Willibald para o interior do bosque. A flecha passou a rasar por mim e despedaçou a vegetação rasteira. Eu não trazia cota de malha, apenas a capa em couro grosso, que não oferecia qualquer protecção contra a seta de um caçador. — Continua a andar! — gritei a Willibald, arrastando a perna enquanto subia o carreiro. Tinha sido ferido na coxa direita durante a batalha de Ethandun e, apesar de conseguir andar e, até, de conseguir correr devagar, sabia que não seria capaz de ser mais rápido do que os homens que agora se encontravam atrás de mim, a uma distância em que era fácil converterem-me num alvo certo do arco. Apressei-me quando uma segunda flecha foi desviada por um ramo e caía, silvando, entre as árvores. *Todos os dias são vulgares*, pensei, *até que começam a ser interessantes*. Os meus perseguidores não conseguiam ver-me por entre os troncos e os densos arbustos, mas partiram do princípio de que seguia Willibald e continuaram carreiro fora, enquanto eu me acocorava entre a vegetação rasteira, escondido atrás das folhas brilhantes de um azevinho, debaixo da minha capa, cujo capuz puxara sobre os cabelos louros e a face clara. Passaram pelo meu esconderijo sem olhar, os dois arqueiros à frente.

Deixei-os tomar um bom avanço, depois segui-os. Ouvira-os falar ao passarem por mim e sabia que se tratava de saxões, provavelmente da Mércia, a avaliar pelo sotaque. Salteadores, pressupus. Havia uma estrada romana por perto, que se estendia floresta adentro, e homens sem lei assombravam os bosques e emboscavam viajantes que, por precaução, ali passavam em grupos. Por duas vezes conduziu os meus guerreiros numa caça a tais bandos e pensava tê-los persuadido a fazerem vida longe do meu território. De resto, quem mais poderiam ser estes homens? Não era típico dos vadios invadirem uma propriedade. O meu cabelo continuava eriçado na nuca.

Movi-me cautelosamente até à orla das árvores, depois vi os homens junto da cabana do pastor, que se assemelhava a um monte de ervas. Havia construído o casebre com ramos cobertos de turfa, deixando um buraco no centro, para a saída de fumo da sua fogueira. Não havia sinal do pastor, mas Willibald fora capturado. Não se encontrava ferido, sendo protegido, talvez, pelo seu estatuto de sacerdote. Estava a ser agarrado por um homem. Os outros, apercebendo-se de que eu continuava no meio das árvores, puseram-se a olhar na direção do bosque onde me escondia.

Então, de repente, as cadelas do pastor surgiram do meu lado esquerdo e começaram a correr em direção aos treze homens. Céleres e ágeis, circundavam o grupo, lançando-se a eles e, por vezes, abocanhando-os e arreganhando

os dentes antes de voltarem a afastar-se. Apenas um dos homens tinha uma espada, mas era desajeitado a brandi-la, falhando o alvo quando uma das cadelas em fúria se aproximou a um braço de distância. Um dos dois arqueiros colocou uma flecha no arco e puxou a corda, quando, de repente, caiu de costas, como que atingido por um martelo invisível. Estatelou-se na erva, a flecha a disparar em direção ao céu, caindo, inofensiva, no meio das árvores atrás de mim. As cadelas, apoiadas agora nas patas dianteiras, mostravam os dentes e rosnavam. O arqueiro caído agitava-se, mas era claro que não conseguia levantar-se. Os outros homens ficaram com um ar assustado.

O segundo arqueiro ergueu o arco, depois retraiu-se, deixou-o cair ao chão, levou as mãos ao rosto, e eu vi surgir sangue da cor da baga do azevinho. O sangue a escorrer era bem visível naquela manhã de inverno e depois desapareceu, o homem de mãos no rosto e a contorcer-se de dor. As cadelas ladraram, depois correram novamente para o meio das árvores. A chuva, misturada com a neve, caía mais espessa, o seu embate audível nos ramos nus. Dois dos homens encaminharam-se para a cabana do pastor, mas o seu líder chamou-os de volta. Era mais jovem do que os demais, de aspeto mais próspero ou menos pobre. A cara era esbelta, os olhos flamejantes, a barba curta e cuidada. Trazia um casaco em couro retalhado, mas, debaixo dele, conseguia ver-lhe a cota de malha; ou era guerreiro ou, então, roubara-a.

— Lorde Uhtred! — chamou.

Não respondi. Estava bem escondido, pelo menos por ora, se bem que teria de mover-me caso vasculhassem o bosque. Mas, o que quer que tivesse provocado o sangramento deixara-os nervosos. O que seria? *Tinham de ser os deuses*, pensei, *ou talvez o santo cristão*. Santo Alnoth não devia gostar nada dos fora da lei, tendo ele sido morto por um deles. Eu não duvidava que estes homens eram marginais, enviados para me matarem, o que não me surpreendia, pois naquela altura tinha bastantes inimigos. Continuo a tê-los, embora neste momento viva no interior da paliçada mais forte do Norte da Inglaterra. Porém, naqueles tempos longínquos, no inverno de 898, não havia uma Inglaterra. Havia a Nortúmbria e a East Anglia, a Mércia e o Wessex, sendo os dois primeiros reinos governados pelos dinamarqueses, o Wessex pelos saxões e a Mércia era uma confusão, pois uma parte era dinamarquesa, a outra saxã. E eu sentia-me como a Mércia, porque havia nascido saxão, mas fora educado como um dinamarquês. Continuava a adorar os deuses dinamarqueses, mas o destino condenara-me a ser o escudo dos saxões cristãos contra a sempre presente ameaça dos dinamarqueses pagãos. Portanto, qualquer um deles poderia querer ver-me morto, porém não conseguia imaginar um inimigo dinamarquês a contratar foras da lei

mercenários para me armarem uma emboscada. Também havia saxões que não se importariam de me verem morto e enterrado. O meu primo Æthelred, Lorde da Mércia, teria pago bem para me ver na sepultura, mas certamente que teria enviado guerreiros, não bandidos. Mesmo assim, o mais provável era ter sido ele. Era casado com Æthelflæd, filha de Alfredo de Wessex, mas eu enfeitara a testa de Æthelred e era bem possível que me quisesse retribuir o favor, enviando-me treze marginais.

— Lorde Uhtred! — chamou novamente o jovem, mas a única resposta que obtive foi um repentino balido de pânico.

As ovelhas acorriam, desciam a vereda que atravessava o bosque, impelidas pelas cadelas que lhes abocanhavam os tornozelos, para, céleres, as encaminharem de encontro aos treze homens. Ao chegarem junto deles, as cadelas correram em redor delas, continuando a abocanhá-las, obrigando-as a formar um círculo apertado que mantinha cativos os fora da lei. Eu ria-me, eu, Uhtred de Bebbanburg, o homem que matara Ubba junto ao mar e que destruíra o exército de Haesten em Beamfleot, mas que, naquela manhã fria de domingo, reconhecia que era o pastor o melhor líder guerreiro. O seu rebanho em pânico juntava-se, compacto, em redor dos fora da lei, que mal se podiam mexer. As cadelas uivavam, as ovelhas baliavam e os treze homens desesperavam.

Surgi do bosque.

— É a mim que querem? — gritei.

Como resposta, o jovem dirigiu-se a mim num impulso, mas foi impedido pelas ovelhas comprimidas. Deu-lhes pontapés, depois desferiu golpes de espada, porém, quanto mais lutava, maior era o medo das ovelhas, enquanto as cadelas as impeliavam a permanecerem juntas. Praguejou, depois apontou, irado, para Willibald.

— Solta-nos ou nós matamo-lo — ameaçou.

— Ele é cristão, — disse, mostrando-lhe o martelo de Thor que trazia pendurado ao pescoço, — portanto, porque me haveria de importar?

Willibald olhou-me, aterrado, depois voltou-se, quando um dos homens gritou de dor. Mais um esguicho de sangue da cor das bagas de azevinho misturava-se com a chuva e a neve, mas desta vez pude ver o que o causara. Não foram nem os deuses, nem o santo assassinado, mas o pastor, que, surgindo de entre as árvores, trazia uma funda na mão. Retirou uma pedra de uma bolsa, colocou-a na cavidade em couro e voltou a fazer rodopiar a funda. Ouviu-se um zumbido. Ele soltou o cordão e mais uma pedra foi arremessada e atingiu um dos homens.

Eles viraram-se e afastaram-se, em puro pânico, e eu fiz sinal ao pastor

para os deixar ir embora. Ele assobiou a chamar as cadelas, e tanto os homens como as ovelhas dispersaram. Os homens começaram a correr, confusos, exceto o primeiro arqueiro, que se encontrava no chão, aturdido com a pedra que lhe atingira a cabeça. O jovem, mais corajoso do que os outros, veio na minha direção, talvez contando com o apoio dos companheiros, apercebendo-se, depois, que estava sozinho. O medo assomou-lhe aos olhos, virou-se, e foi então que a cadela se lançou a ele, cravando os dentes no braço que segurava a espada. Ele gritou, tentou sacudi-la, a outra a aproximar-se para acudir à parceira. Continuava a gritar quando lhe bati nas costas com o lado liso da minha espada.

— Já podes chamar as cadelas — disse ao pastor.

O primeiro arqueiro continuava vivo, mas havia uma mancha de sangue pastosa misturada com o cabelo acima da sua orelha direita. Dei-lhe um pontapé forte nas costelas e ele gemeu, porém não reagiu. Entreguei o seu arco e o saco de flechas ao pastor.

— Como te chamas?

— Egbert, meu amo.

— Agora és um homem rico, Egbert — disse-lhe. Desejei que fosse verdade. Iria compensá-lo bem pelo trabalho daquela manhã, mas eu próprio já não era abastado. Gastara o meu dinheiro nos homens, cotas de malha e armas, em tudo o que era necessário para vencer Haesten e, naquele inverno, encontrava-me desesperadamente pobre.

Os outros foras da lei tinham desaparecido, haviam voltado para norte. Willibald tremia.

— Estavam à sua procura, senhor — disse, entre dentes que batiam. — Foram pagos para o matarem.

Inclinei-me sobre o arqueiro. A pedra do pastor esmagara-lhe o crânio. Viam-se pedaços de osso estilhaçado na mancha pastosa de sangue sob o cabelo. Uma das cadelas do pastor veio farejar o homem ferido, e eu acariciei-lhe o pelo grosso e duro.

— São boas cadelas — disse a Egbert.

— Assassinas de lobos, meu amo, — disse, e, de seguida, avaliou o peso da funda na sua mão, — mas isto aqui é melhor.

— Lidas bem com isso — afirmei, o que ficava aquém da realidade.

O homem era letal.

— Há vinte e cinco anos que pratico, meu amo. Nada como uma pedra, para afugentar um lobo.

— Foram pagos para me matarem? — perguntei a Willibald.

— Foi o que disseram, que lhes pagaram para o matarem.

— Vai para a cabana — disse-lhe — e aquece-te. — Voltei-me para o homem mais jovem, que estava a ser guardado pela cadela maior.

— Como te chamas?

Hesitou, depois acabou por dizer, contrariado:

— Wærfurth, senhor.

— E quem te pagou para me matares?

— Não sei, senhor.

E parecia não saber mesmo. Wærfurth e os seus homens vinham de perto de Tofeceaster, uma povoação a norte, não muito longe dali. Contou-me que um homem prometera pagar-lhes o meu peso em prata em troca da minha morte. Havia-lhe sugerido um domingo de manhã, sabendo que metade do meu pessoal se encontraria na igreja nessa altura, e Wærfurth recrutara, então, uma dúzia de vadios para executarem o trabalho. Deveria saber tratar-se de um enorme risco, uma vez que eu também tinha a minha reputação, porém, a recompensa era grande. — O homem era dinamarquês ou saxão? — perguntei.

— Um saxão, senhor.

— E não o conheces?

— Não, senhor.

Fiz-lhe mais perguntas, mas tudo o que ele podia dizer-me era que se tratava de um homem magro, careca e que perdera um olho. A descrição pouco me dizia. Um homem de um só olho e careca? Podia ser quase qualquer um. Interroguei Wærfurth até lhe ter extraído todas as respostas que ele me podia dar e que, aliás, em nada ajudavam; depois enforquei-o, a ele e ao arqueiro.

E Willibald mostrou-me o peixe mágico.

*

UMA DELEGAÇÃO ESPERAVA-ME NO MEU SALÃO. TINHAM CHEGADO DEZASSEIS homens da capital de Alfredo, em Wintanceaster. Entre eles havia nada menos do que cinco sacerdotes. Dois deles vinham do Wessex, tal como Willibald, outros dois eram da Mércia, mas haviam-se estabelecido na East Anglia. Conhecia ambos, embora não os tivesse reconhecido logo. Ceolnoth e Ceolberht eram gémeos e, cerca de trinta anos antes, fôramos todos reféns, na Mércia. Naquela altura, éramos crianças capturadas pelos dinamarqueses, um destino que eu abençoara e que eles detestaram. Agora, deviam ter perto de quarenta anos, dois padres idênticos de estatura entroncada, caras redondas e barbas a ficarem grisalhas.

— Temos observado o seu progresso — disse-me um deles.

— Com admiração — concluiu o outro. Quando eram crianças, não conseguira distingui-los e continuava incapaz de o fazer. Para mais, terminavam as frases um do outro.

— Com relutância — disse um deles.

— Com admiração — afirmou o outro gêmeo.

— Com relutância? — perguntei em tom azedo.

— É conhecido o desapontamento do rei Alfredo.

— Por ter-se afastado da verdadeira fé, mas...

— Rezamos por si, todos os dias!

Os outros dois padres, ambos oriundos da West Anglia, eram homens de Alfredo. Tinham-no ajudado a compilar o seu código de leis e, ao que parecia, tinham vindo para me aconselharem. Os onze homens restantes eram guerreiros, cinco da East Anglia e seis do Wessex, que haviam escoltado os cinco sacerdotes durante a viagem.

E eles tinham trazido o peixe mágico.

— O rei Eohric — disse Ceolnoth ou Ceolberht.

— Deseja formar uma aliança com o Wessex — finalizou o gêmeo.

— E com a Mércia!

— Com os reinos cristãos, compreende?

— E o rei Alfredo, tal como o rei Eduardo, — retomou Willibald, — enviaram um presente ao rei Eohric.

— O Alfredo ainda está vivo? — perguntei.

— Sim, graças a Deus, — disse Willibald, — embora esteja doente.

— Está muito perto da morte — interveio um dos sacerdotes da West Anglia.

— Quando nasceu, ele já estava perto da morte — disse-lhe, — e desde que o conheço que está à beira de morrer. Contudo, viverá mais dez anos.

— Queira Deus que sim — anuiu Willibald, benzendo-se. — Mas ele já conta cinquenta anos e está a enfraquecer. Está mesmo a morrer.

— É por isso que deseja esta aliança, — continuou o sacerdote da West Anglia, — e que o Lorde Eduardo lhe faz este pedido.

— O rei Eduardo — corrigiu Willibald o colega.

— Portanto, quem me pede a aliança? — perguntei. — Alfredo do Wessex ou Eduardo do Cent?

— Eduardo — disse Willibald.

— Eohric — disseram Ceolnoth e Ceolberht em conjunto.

— Alfredo — afirmou o sacerdote da West Anglia.

— Todos eles — acrescentou Willibald. — É importante para todos eles, senhor.

Eduardo ou Alfredo, ou ambos, queriam que me dirigisse até ao rei Eohric, da East Anglia. Eohric era dinamarquês, mas convertera-se ao Cristianismo, e enviara os gémeos para propor uma grande aliança entre as partes cristãs da Bretanha.

— O rei Eohric sugeriu que levasse a cabo as negociações — disse Ceolnoth ou Ceolberht.

— Com o nosso aconselhamento — acrescentou rapidamente um dos sacerdotes da West Anglia.

— Porquê eu? — perguntei aos gémeos.

Willibald respondeu por eles.

— Quem conhece a Mércia e o Wessex tão bem como o senhor?

— Muitos homens — respondi.

— E onde tu liderares, senhor, — disse Willibald, — esses muitos homens te seguirão.

Encontrávamo-nos sentados a uma mesa, sobre a qual havia cerveja, pão, queijo, sopa e maçãs. Na lareira central ardia uma grande fogueira que fazia oscilar a sua luz sobre os barrotes enegrecidos pelo fumo. O pastor tivera razão e a chuva, misturada com a neve, transformara-se em flocos grossos que, em parte, passavam pelo buraco para a saída do fumo, no telhado. Lá fora, além da paliçada, Wærfurth e o arqueiro pendiam dos braços nus de um olmo, os seus corpos transformados em alimento para as aves famintas. A maioria dos meus homens encontrava-se no salão, a ouvir a nossa conversa.

— É uma altura estranha do ano para negociações — proferi.

— Pouco tempo resta ao Alfredo, — disse Willibald, — e ele deseja esta aliança, senhor. Se todos os cristãos da Bretanha estiverem unidos, senhor, o trono do jovem Eduardo ficará protegido, quando ele herdar a coroa.

Isto fazia sentido, mas por que motivo queria Eohric tal aliança? Eohric, da East Anglia, encontrava-se dividido entre cristãos e pagãos, dinamarqueses e saxões, desde que havia memória, mas agora estava decidido a proclamar a sua aliança com os saxões cristãos?

— Devido ao Cnut Ranulfson — explicou um dos gémeos, quando coloquei a questão.

— Ele tem trazido homens para sul — disse o outro gémeo.

— Para as terras do Sigurd Thorsson — anuí. — Bem sei, fui eu que enviei a informação ao Alfredo. E o Eohric teme o Cnut e o Sigurd?

— Sim, teme — afirmou Ceolnoth ou Ceolberht.

— O Cnut e o Sigurd não atacam agora, — affiancei-lhes, — mas talvez na primavera. — Cnut e Sigurd eram dinamarqueses da Nortúmbria e, como todos os dinamarqueses, sonhavam desde sempre com a conquista da

totalidade das terras onde se falava o inglês. Haviam falhado tentativa após tentativa de invasão, porém, era inevitável uma outra investida, uma vez que o coração do Wessex, o grande bastião da cristandade saxã, estava em perigo. Alfredo estava a morrer e a sua morte certamente que traria espadas e fogo pagãos para a Mércia e o Wessex. — Mas, por que haveriam o Cnut ou o Sigurd de atacar o Eohric? — perguntei. — Eles não querem a East Anglia, querem a Mércia e o Wessex.

— Eles querem tudo — respondeu Ceolnoth ou Ceolberht.

— E a verdadeira fé será escoraçada da Bretanha, a não ser que a defendamos — disse o mais velho dos sacerdotes da West Anglia.

— É por isso que lhe imploramos que faça a aliança — disse Willibald.

— Durante a ceia do Natal — acrescentou um dos gémeos.

— E o Alfredo enviou um presente para o Eohric — continuou Willibald, cheio de entusiasmo. — Aliás, Alfredo e Eduardo! Mostraram grande generosidade, senhor!

O presente encontrava-se dentro de uma caixa em prata cravejada de jóias. A tampa exibia uma figura de Cristo de braços levantados e em redor da mesma encontrava-se gravado: «Eduardo *mec heht Gewyrca*», o que significava que Eduardo ordenara a feitura do relicário ou, o que era mais provável, Alfredo encomendara o presente e depois atribuíra a generosidade ao filho. Willibald ergueu a tampa com reverência, revelando um interior atapetado de vermelho. Uma pequena almofada, do tamanho de uma mão, encaixava-se perfeitamente no seu interior e, sobre ela, encontrava-se o esqueleto de um peixe. Tratava-se do esqueleto inteiro, à exceção da cabeça, uma longa espinha com um pente de espinhas de cada lado.

— Aqui está — anunciou Willibald num murmúrio, como que para não perturbar as ossadas.

— Um arenque morto? — perguntei, incrédulo. — É este o presente do Alfredo?

Todos os sacerdotes se benzeram.

— Quantas mais espinhas de peixe querem? — perguntei. Olhei para Finan, o meu maior amigo e comandante dos meus guerreiros. — Nós conseguimos arranjar peixe morto, não conseguimos?

— Às carradas, senhor — confirmou.

— Lorde Uhtred! — Willibald, como sempre, a insurgir-se contra as minhas provocações. — Aquele peixe — e erguia um dedo trémulo a apontar para as ossadas — foi um dos dois peixes com que Nosso Senhor saciou cinco mil pessoas!

— O outro deveria ser enorme — sugeri. — Era o quê, uma baleia?

O sacerdote mais velho da West Anglia fitou-me, carrancudo.
— Aconselhei o rei Eduardo a não escolher, a si, para esta tarefa — profereiu. — Disse-lhe que enviasse um cristão.
— Então escolha outro homem — ripostei. — Prefiro passar o Yule¹ no meu próprio salão.
— Ele escolheu-o a si — disse o sacerdote num tom cortante.
— O Alfredo também — acrescentou Willibald; depois sorriu e disse: — Ele pensa que amedrontará o Eohric.
— E por que motivo quer ele o Eohric amedrontado? — perguntei. — Pensei tratar-se de uma aliança.
— O rei Eohric permite que os seus barcos ataquem os nossos comerciantes — explicou o sacerdote — e deve pagar as devidas compensações, antes de lhe prometermos a nossa proteção. O nosso rei acredita que o Lorde Uhtred consegue persuadi-lo.
— Só precisamos de partir daqui a dez dias — anunciei, lançando um olhar sombrio aos sacerdotes. — É suposto alimentar-vos até lá?
— Sim, senhor! — disse Willibald, satisfeito.
O destino é estranho. Rejeitara o Cristianismo, dando preferência aos deuses dinamarqueses, mas amava Æthelflæd, a filha de Alfredo, e ela era cristã, o que implicava colocar a minha espada ao serviço da cruz.
Ao que parecia, por causa disso, iria passar o Yule na East Anglia.

*

OSFERTH CHEGOU A BUCCINGAHAMM, TRAZENDO MAIS VINTE DOS GUERREIROS da minha casa. Chamara-os à minha presença, porque queria que um grupo significativo me acompanhasse à East Anglia. O rei Eohric até podia ter sugerido a negociação e podia estar mesmo aberto a qualquer exigência de Alfredo, mas os pactos devem ser negociados a partir de uma posição de dominância e, como tal, estava determinado em chegar à East Anglia com uma escolta impressionante. Osferth e os seus homens haviam estado a observar Ceaster, um acampamento romano na fronteira longínqua do Noroeste da Mércia, onde Haesten se refugiara após a derrota do seu exército em Beamfleot. Osferth cumprimentou-me com solenidade, como costumava fazer. Raramente sorria e a sua expressão facial sugeria sempre desaprovação em relação a tudo o que via. Contudo, penso que se sentia feliz por estar novamente connosco. Era filho de Alfredo e de uma criada, antes de o rei ter

¹ Celebração pagã do solstício de inverno e do fim do ano, de 21.12. a 01.01. (*N. da T.*)

descoberto os prazeres duvidosos da obediência cristã. Alfredo quisera que o filho fosse treinado para o sacerdócio, mas Osferth preferira o caminho do guerreiro. Fora uma escolha estranha, pois não retirava prazer de uma luta, nem ansiava pelos momentos selvagens em que a ira e uma espada fazem com que o resto do mundo pareça entediante; trazia, contudo, as qualidades do pai para qualquer combate. Era sério, cuidadoso e metódico. Onde eu e Finan imprudentemente obstinávamos, ele usava a inteligência, o que é uma boa qualidade num guerreiro.

— O Haestens continua a lamber as suas feridas — disse-me.

— Devíamos tê-lo matado — resmunguei. Haesten havia-se retirado para Ceaster depois de termos destruído a sua frota e o seu exército em Beamflet. O meu instinto fora segui-lo até lá e terminar com as suas ações absurdas de uma vez por todas, porém, Alfredo quisera que as tropas da sua casa regressassem ao Wessex e eu não dispunha de homens suficientes para sitiar as muralhas do forte romano de Ceaster. Como tal, Haesten continuava vivo. Vigiamo-lo, à espera de provas de que estava a recrutar mais homens, mas Osferth pensava que ele estava a enfraquecer e não a ficar mais forte.

— Terá de engolir o seu orgulho e jurar lealdade a outro — sugeri.

— Ao Sigurd ou ao Cnut — anuí. Estes eram agora os dinamarqueses mais poderosos da Bretanha, apesar de nenhum dos dois ser rei. Tinham terras, riqueza, rebanhos, manadas, prata, barcos, homens e ambição. — Por que motivo queriam a East Anglia? — pensei em voz alta.

— Porque não? — perguntou Finan. Era o mais próximo dos meus companheiros, aquele em quem mais confiava numa luta.

— Porque querem o Wessex — concluí.

— Querem toda a Bretanha — disse Finan.

— Estão à espera — acrescentou Osferth.

— De quê?

— Da morte do Alfredo — disse. Raramente se referia a Alfredo como «meu pai», como se ele, à semelhança do rei, se envergonhasse das suas origens.

— Oh, vai ser o caos quando isso acontecer — afirmou Finan com ar apreciativo.

— O Eduardo será um bom rei — reprovou-o Osferth.

— Terá de lutar por isso — contrapus. — Os dinamarqueses irão testá-lo.

— E tu lutarás por ele? — perguntou-me.

— Gosto do Eduardo — disse, sem me comprometer. E gostava mesmo. Tivera pena dele em criança, porque o pai o colocara sob o controlo rígido dos sacerdotes, cuja função era fazer de Eduardo o herdeiro perfeito para o

reinado cristão de Alfredo. Quando voltei a encontrá-lo, pouco antes da batalha de Beamfleot, pareceu-me um jovem pomposo e intolerante, porém gostara da companhia dos guerreiros e a sua arrogância desvanecera-se. Lutara bem em Beamfleot e agora, a acreditar no mexerico de Willibald, aprendera também um pouco sobre o pecado.

— Certamente que a irmã dele gostaria que o apoiasses — disse Osferth, incisivo, fazendo rir Finan. Todos sabiam que Æthelflæd era minha amante, tal como sabiam que o pai dela era igualmente o pai de Osferth, embora a maioria das pessoas, por cortesia, fingisse não saber, e ele não se atrevia a ir além de um reparo mordaz acerca da minha relação com a sua meia-irmã. Teria preferido passar o Yule com Æthelflæd, mas Osferth já me dissera que ela fora convocada para Wintanceaster, e eu calculava que não seria bem-vindo à mesa de Alfredo. Sobretudo, assistia-me agora o dever de entregar o peixe mágico a Eohric e preocupava-me que Sigurd e Cnut pudessem assaltar as minhas terras, enquanto me encontrasse na East Anglia.

Sigurd e Cnut haviam navegado para sul, no verão anterior, levando os seus barcos até à costa meridional do Wessex, enquanto o exército de Haesten devastava a Mércia. Os dois dinamarqueses da Nortúmbria pretendiam distrair o exército de Alfredo enquanto Haesten soltava a sua fúria ao longo da fronteira norte do Wessex, porém, Alfredo enviara-me as suas tropas, Haesten fora despojado do seu poder e Sigurd e Cnut tinham descoberto que não conseguiam capturar nem um dos *burhs* de Alfredo — as cidades fortificadas que se encontravam espalhadas pelas terras saxãs — e, portanto, tinham voltado para os seus barcos. Eu sabia que não desistiriam. Eram dinamarqueses, o que significava que planeavam alguma velhacaria.

Assim, no dia seguinte, por sobre a neve que derretia, levei Finan, Osferth e mais trinta homens comigo para norte, para as terras do magistrado Beornnoth. Eu gostava dele. Era velho, grisalho, manco e impetuoso. As suas terras situavam-se na extremidade da Mércia saxã e tudo o que se situava a norte delas pertencia aos dinamarqueses, o que queria dizer que, nos últimos anos, ele se vira forçado a defender os seus campos e aldeias contra os ataques dos homens de Sigurd Thorrson.

— Louvado seja Deus, — cumprimentou-me, — não me digas que esperas passar a consoada no meu salão.

— Prefiro comida boa — disse-lhe.

— E eu prefiro hóspedes bem-parecidos — retorquiu, e depois chamou os criados, para que levassem os nossos cavalos. Vivía um pouco a norte e a leste de Tofecestear, num edifício enorme, circundado por celeiros e estábulos, protegidos por uma paliçada robusta. O espaço entre o edifício principal e o

celeiro maior encontrava-se agora ensanguentado, devido à matança de gado. Havia homens a cortarem os tendões por trás dos joelhos dos animais assustados, para os obrigarem a vergar contra o chão e, assim, se manterem quietos, enquanto outros homens os matavam com uma machadada na testa. Ainda a contorcerem-se, as carcaças eram arrastadas para o lado, onde mulheres e crianças usavam facas longas para talharem e esfolarem os cadáveres. Os cães observavam-nos, ou então lutavam entre si pelas sobras das miudezas lançadas na sua direção. Havia um cheiro nauseabundo a sangue e a estrume. — Foi um bom ano, — disse-me Beornnoth, — o dobro dos animais em relação ao ano passado. Os dinamarqueses não me importunaram.

— Nenhum assalto ao gado?

— Um ou dois. — Encolheu os ombros. Desde a última vez que o vira, perdera a força nas pernas e tinha de ser carregado numa cadeira. — É a velhice — disse-me. — Estou a morrer do chão para cima. Suponho que não rejeitas uma cerveja?

Trocámos notícias no seu salão. Segurou a barriga de tanto rir, quando lhe contei da tentativa de me matarem.

— Agora utilizas ovelhas para te defenderes? — Viu o seu filho entrar no salão e chamou-o. — Anda cá, para ouvires como o Lorde Uhtred venceu a batalha das ovelhas!

O filho chamava-se Beortsig e, tal como o pai, tinha ombros largos e barba farta. Riu-se da narrativa, embora o seu riso parecesse forçado.

— Diz que os rebeldes vinham de Tofecestre? — perguntou.

— Foi o que um deles alegou.

— Essa terra é nossa — disse Beortsig.

— Foras da lei — afirmou Beornnoth em tom desdenhoso.

— E tolos — acrescentou Beortsig.

— Um homem magro, careca e de um só olho tê-los-á recrutado — expliquei. — Conhecem alguém com esse aspeto?

— Parece o nosso padre — disse Beornnoth, divertido. Beortsig nada disse. — Então, o que te traz por cá, — perguntou Beornnoth, — tirando a necessidade de esvaziarem os meus barris de cerveja?

Contei-lhe que Alfredo me pedira que selasse um acordo com Eohric, e que os enviados de Eohric justificaram o pedido do seu rei com o medo que ele tinha de Sigurd e Cnut. Beornnoth fez um ar cético:

— O Sigurd e o Cnut não estão interessados na East Anglia — disse.

— O Eohric pensa que estão.

— Esse homem é um tolo — afirmou Beornnoth — e sempre o foi. O Sigurd e o Cnut querem a Mércia e o Wessex.

— E quando tiverem conquistado esses reinos, senhor, — disse Osferth em tom suave ao nosso anfitrião, — vão querer a East Anglia.

— Pode bem ser verdade — admitiu Beornnoth.

— Portanto, porque não tomar a East Anglia primeiro, — sugeriu Osferth, — e adicionar homens aos seus bandos de guerreiros?

— Enquanto o Alfredo não morrer, nada disso acontecerá — disse Beornnoth. Benzeu-se e acrescentou: — E rezo para que ainda esteja vivo.

— Ámen — disse Osferth.

— Queres, portanto, perturbar a paz do Sigurd? — perguntou-me Beornnoth.

— Quero saber o que está a fazer — respondi.

— Está a preparar a celebração do Yule — disse Beortsig, de forma indiferente.

— O que significa que estará ébrio durante os próximos meses — acrescentou o pai.

— Ele deixou-nos em paz durante todo o ano — continuou o filho.

— E eu não quero que vás espantar as vespas para fora do seu ninho — concluiu Beornnoth. O tom era leve, mas o significado das suas palavras era sério. Se eu continuasse a cavalgar para norte, poderia estar a provocar Sigurd e, então, as terras de Beornnoth seriam assoladas pelos cascos dinamarqueses e ensanguentadas pelas lâminas dinamarquesas.

— Mas eu tenho de chegar à East Anglia — expliquei-lhe, — e o Sigurd não vai gostar da ideia de uma aliança entre o Eohric e o Alfredo. Pode muito bem demonstrar o seu descontentamento enviando homens para sul.

Beornnoth franziu o sobrolho:

— Ou não.

— É o que pretendo descobrir — afirmei.

Beornnoth soltou um grunhido desagradado.

— Sentes-te entediado, Lorde Uhtred? — perguntou. — Queres matar uns tantos dinamarqueses?

— Quero apenas sentir-lhes o cheiro — disse-lhe.

— O cheiro?

— Metade da Bretanha já saberá deste acordo com o Eohric, — sugeri, — e quem tem o maior interesse em evitar que isso aconteça?

— O Sigurd — admitiu Beornnoth após uma pausa.

Por vezes pensava na Bretanha como sendo um moinho. Na sua base, firme e confiável, encontrava-se a mó do Wessex; no topo, igualmente firme, a pedra de amolar dos dinamarqueses e, esmagada entre as duas, a Mércia. Era na Mércia que os saxões e os dinamarqueses mais se defrontavam e

lutavam uns contra os outros. Alfredo estendera, de forma inteligente, a sua autoridade sobre grande parte do reino a sul, mas os dinamarqueses eram os senhores do Norte e, até agora, a luta estivera equitativamente distribuída, pelo que ambos os lados procuravam aliados. Os dinamarqueses tinham oferecido incentivos aos reis galeses, mas estes, apesar de nutrirem um ódio eterno por todos os saxões, temiam mais a ira do seu deus cristão do que os dinamarqueses, pelo que a maioria dos galeses mantinha uma paz contrariada com o Wessex. A leste, contudo, situava-se o reino imprevisível da East Anglia, governada pelos dinamarqueses, porém ostensivamente cristã. A East Anglia podia desequilibrar os pratos da balança. Se Eohric enviasse homens para lutarem contra o Wessex, os dinamarqueses venceriam; se, por outro lado, se aliasse aos cristãos, os dinamarqueses enfrentariam a derrota.

Sigurd, assim pensei, tentaria evitar que o acordo chegasse sequer a acontecer. Restavam-lhe duas semanas para fazê-lo. Teria sido ele a enviar os homens para me matarem? Sentado junto à fogueira de Beornnoth, julguei que sim, que fazia sentido. E, tendo sido ele, o que faria de seguida?

— Queres sentir o cheiro dele, não é? — perguntou Beornnoth.

— Mas não provocá-lo — prometi.

— Não haverá mortes? Nem roubos?

— Da nossa parte, não — prometi.

— Sabe Deus o que descobrirás, sem matares algumas daquelas bestas — acabou por dizer Beornnoth. — Mas sim, vai. Vai e cheira. O Beortsig irá contigo. — Enviava o filho e uma dúzia de guerreiros da sua casa, para assegurar-se de que mantínhamos a nossa palavra. Receava que planeássemos devastar algumas herdades dinamarquesas e trouxéssemos gado, prata e escravos connosco, e por isso os homens deles estariam presentes, a fim de o impedirem. Porém, na verdade, eu apenas tencionava cheirar a terra.

Não confiava em Sigurd, nem no seu aliado Cnut. Gostava de ambos, mas sabia que me matariam com a mesma casualidade com que matamos o nosso gado. Sigurd era o mais abastado dos dois, Cnut o mais perigoso. Ainda era jovem, e, nos seus poucos anos de vida, ganhara a reputação de ser um guerreiro de espada, um homem cuja lâmina devia ser respeitada e temida. Homens como ele atraíam outros. Atravessavam o mar, remando até à Bretanha para seguirem um líder que lhes prometia fortuna. E na primavera, pensei, os dinamarqueses certamente que viriam de novo, ou talvez esperassem pela morte de Alfredo, sabendo que a perda de um rei traz sempre incerteza e que na incerteza reside a oportunidade.

Beortsig estava a pensar no mesmo.

— O Alfredo está mesmo a morrer? — perguntou-me, enquanto cavalgávamos para norte.

— É o que todos dizem.

— Não é a primeira vez que o alegam.

— Já houve várias vezes — concordei.

— Acredita que ele esteja a morrer?

— Não o tenho visto — disse, e sabia que não era bem-vindo no seu palácio, mesmo que quisesse vê-lo. Fora-me dito que Æthelflæd partira para Wintanceaster, para a celebração do Yule, mas o mais provável era que tivesse sido chamada para a vigília do pai moribundo e não por causa das duvidosas delícias que se podia comer à mesa dele.

— E o Eduardo será o herdeiro? — perguntou-me Beortsig.

— É esse o desejo do Alfredo.

— E quem será o rei da Mércia? — indagou.

— A Mércia não tem rei — respondi.

— Devia ter — disse, com amargura, — e não um saxão ocidental! Nós somos mercianos e não saxões ocidentais. — Não lhe dei resposta. Já houvera reis na Mércia, mas agora ela era subserviente ao Wessex. Fora Alfredo quem o conseguira. A filha dele era casada com o mais poderoso dos magistrados mercianos e a maioria dos saxões parecia satisfeita com o facto de estar, efetivamente, sob a proteção de Alfredo, embora nem todos os mercianos apreciassem o domínio dos saxões ocidentais. Com a morte de Alfredo, os mercianos mais poderosos começariam a ambicionar o trono vazio, e Beortsig, supunha eu, era um deles. — Os nossos antepassados foram reis aqui — disse-me.

— Os meus antepassados foram reis na Nortúmbria, — repliquei, — mas eu não quero o trono.

— A Mércia devia ser regida por um merciano — disse-me. Parecia sentir-se desconfortável na minha companhia, ou talvez estivesse receoso, porque cavalgávamos para o interior das terras pertencentes a Sigurd.

Encaminhávamo-nos para norte, o sol baixo de inverno a projetar as nossas sombras longas diante de nós. As primeiras herdades por que passámos mais não eram do que ruínas queimadas. Depois do meio-dia, chegámos a uma aldeia. As pessoas viram-nos chegar ao longe e, como tal, levei os meus cavaleiros para o bosque mais próximo, até termos atraído um casal para fora do seu esconderijo. Eram saxões, um escravo e a esposa, e afirmavam que o seu senhor era dinamarquês. — Ele está no salão? — perguntei-lhes.

— Não, senhor.

O homem estava ajoelhado e tremia, incapaz de levantar o olhar e encarar-me.

— Como se chama ele?

— Conde Jorven, senhor.

Olhei para Beortsig, que encolheu os ombros.

— O Jorven é um dos homens do Sigurd — disse. — E não é bem um conde. Talvez lidere trinta ou quarenta homens...

— E a esposa dele, está no salão? — perguntei ao homem que continuava de joelhos.

— Ela está lá, senhor, e também alguns guerreiros, mas não muitos. Os outros partiram, senhor.

— Partiram para onde?

— Não sei, senhor.

Atirei-lhe uma moeda de prata. Mal podia dar-me a esse luxo, mas um lorde é sempre um lorde.

— Estamos perto do Yule — disse Beortsig sem querer dar grande importância à partida dos homens. — O Jorven foi provavelmente a Cytringan.

— Cytringan?

— Ouvimos dizer que é lá que o Sigurd e o Cnut vão passar o Yule — afirmou.

Afastámo-nos do bosque e tornámos a cavalgar por um pasto húmido. Agora, as nuvens cobriam o sol e pensei que iria chover em breve.

— Fala-me do Jorven — disse a Beortsig.

Encolheu os ombros.

— É um dinamarquês, claro. Chegou há dois verões e o Sigurd deu-lhe esta terra.

— É parente do Sigurd?

— Não sei.

— A idade?

Voltou a encolher os ombros.

— É jovem.

E por que motivo haveria um homem de ir para uma festa sem a sua mulher? Estive quase a colocar a questão em voz alta, mas depois pensei que a opinião de Beortsig de nada me serviria e permaneci em silêncio. Ao invés, continuei a esporear o meu cavalo até chegarmos a um lugar de onde podia avistar a casa principal de Jorven. Era um edifício razoável, com um telhado íngreme e o crânio de um touro fixado na empena frontal. A palha ainda não ganhara musgo. Uma paliçada circundava o edifício e foi-me possível ver dois homens a observarem-nos.

— Seria uma boa altura para atacar o Jorven — admiti, em tom casual.

— Eles têm-nos deixado em paz — insistiu Beortsig.

— E pensas que será sempre assim?

— Penso que devíamos regressar — disse, e, quando não respondi, acrescentou: — Se quisermos chegar a casa antes do anoitecer.

Em vez disso, dirigi-me mais para norte, ignorando as queixas de Beortsig. Deixámos a casa de Jorven sem causarmos quaisquer danos e atravessámos uma pequena serra, de onde se avistava um enorme vale. Os rastros de fumo indicavam onde se encontravam herdades ou aldeias, o trilho leve e ondulante de uma luz revelava um rio. Um belo lugar, pensei, fértil e com água em abundância, exatamente o tipo de terra que os dinamarqueses almejavam.

— Dizes que o Jorven tem trinta ou quarenta guerreiros? — questionei Beortsig.

— Não mais do que isso.

— Um só grupo — concluí. Portanto, Jorven e os seus seguidores tinham atravessado o mar num único barco e haviam jurado lealdade a Sigurd, que, por seu turno, lhes dera terras situadas junto à fronteira com os saxões. Se os saxões atacassem, era provável que Jorven morresse, mas esse era um risco que ele corria, e a recompensa podia ser ainda maior, caso Sigurd decidisse atacar a sul. — Quando o Haesten esteve aqui, no verão passado, — perguntei a Beortsig, enquanto esporeava mais o meu cavalo, — causou-vos sarilhos?

— Ele deixou-nos em paz — disse. — Fez os seus estragos mais a ocidente.

Anuí. O pai de Beortsig, pensei, cansara-se de lutar contra os dinamarqueses e estava a pagar um tributo a Sigurd. Não podia haver outra razão para a paz aparente que prevalecia nas terras de Beornnoth, e Haesten, presumi, não o incomodara por ordens de Sigurd. Haesten nunca teria ousado ofender Sigurd e, por isso, sem dúvida que evitara as terras daqueles saxões, que lhes pagavam em troca de paz. Restara-lhe a maior parte do Sul da Mércia para assolar, queimar, violar, pilhar, até eu lhe ter retirado grande parte da sua força em Beamfleot. Depois, amedrontado, fugira para Ceaster.

— O que te preocupa? — perguntou-me Finan. Descíamos a cavalo em direção ao rio distante. O vento soprava uma chuva fina nas nossas costas. Finan e eu avançáramos, e por isso Beortsig e os seus homens não podiam ouvir-nos.

— O que leva um homem a celebrar o Yule sem a mulher? — perguntei a Finan.

Encolheu os ombros.

— Talvez seja feia. Talvez mantenha uma companhia mais jovem e atraente para os dias de festa?

— Talvez — disse num grunhido.

— Ou talvez tenha sido chamado — sugeriu Finan.

— E porque haveria o Sigurd de reunir homens a meio do inverno?

— Porque soube do acordo com o Eohric?

— É isso que me preocupa — respondi.

A chuva caía agora mais forte, tocada a um vento cortante. O dia estava a findar-se, escuro, húmido e frio. Remanescências de neve branca cobriam valas congeladas. Beortsig insistiu para que voltássemos para casa, mas eu continuava a minha cavalgada para norte, deliberadamente passando perto de duas grandes casas. Quem quer que guardasse aqueles lugares devia ter-nos visto, mas ninguém cavalgou ao nosso encontro para desafiar-nos. Mais de quarenta homens, armados com escudos, lanças e espadas, atravessavam as suas terras e eles não se preocupavam em vir saber, quem éramos e ao que vínhamos? Isso dizia-me que as casas não estavam a ser fortemente guardadas. Quem quer que nos visse passar, ficava contente em deixar-nos ir, na esperança de que os ignorássemos.

E então, à nossa frente, avistámos uma cicatriz naquelas terras. Parei o cavalo junto a ela. A cicatriz atravessava o nosso caminho, escavava a terra dos prados alagados na margem sul do rio, que ondulava ao toque da chuva. Foi então que dei a volta ao meu cavalo, fingindo desinteresse pelo solo sulcado e pelos rastros profundos dos cascos.

— Vamos regressar — anunciei a Beortsig.

A cicatriz tinha sido feita por cavalos. Finan, cavalgando debaixo da chuva fria, aproximou o seu cavalo do meu.

— Oitenta homens — disse-me.

Anuí. Confiava na sua avaliação. Dois grupos de homens haviam cavalgado de ocidente para oriente e os cascos dos seus cavalos tinham cravado aquela cicatriz no solo alagado. Dois grupos seguiam o rio, mas para onde? Abrandei o meu cavalo, permitindo que Beortsig nos alcançasse.

— Onde disseste que o Sigurd iria celebrar o Yule? — perguntei-lhe.

— Cytringan — confirmou.

— E onde fica Cytringan?

Apontou para norte.

— Um dia de jornada, no mínimo, provavelmente dois. Ele mantém lá um salão para banquetes.

Cytringan ficava a norte, porém as pegadas dos cascos apontavam para oriente.

Alguém estava a mentir.